

Entre o rural e o urbano,
entre o civil e o militar:
peculiaridades (esportivas)
do bairro de Realengo/Rio de
Janeiro (1902 –1940)

Between the rural and the
urban, between the civil and the
military: (sporting) peculiarities
of the Realengo neighborhood/
Rio de Janeiro (1902 –1940)

Victor Andrade de Melo¹
Nei Jorge dos Santos Junior²



Resumo: O objetivo deste estudo é discutir as peculiaridades das iniciativas esportivas organizadas no bairro de Realengo/Rio de Janeiro entre os anos de 1902, quando foi criada uma agremiação importante, o Clube Dramático, e 1940, data na qual se encerrou a trajetória de uma sociedade de ciclismo, o Realengo Pedal Clube. O que se pretende debater são as especificidades das experiências sociais locais, prospectadas a partir de um dos seus divertimentos. Para alcance do objetivo, como fontes majoritariamente foram utilizados revistas e jornais. O intuito é lançar um olhar para a conformação dos subúrbios cariocas, contribuindo para a compreensão da história da cidade e do esporte desde uma perspectiva mais múltipla. Ao fim, se conclui que as modalidades estruturadas no período em tela são indicadores de uma região que transitava entre o rural e o urbano, bem como entre os mundos civil e militar. **Palavras-chave:** História do Rio de Janeiro; História do esporte; Realengo.

Abstract: The aim of this study is to discuss the peculiarities of the sporting initiatives organized in Realengo district/Rio de Janeiro between 1902, when an important association was created, the Clube Dramático, and 1940, when ended the trajectory of a cycling society, the Realengo Pedal Club. We intend to discuss the specificities of the local social experiences, which were explored based on one of its diversions. To reach the objective, magazines and newspapers were used as main sources. The aim is to take a look at the conformation of Rio de Janeiro suburbs in order to contribute from a multiple perspective of the city history. It is concluded that the sports structured in the period are an indication of a region that transited between the rural and the urban, as well as between the civil and military worlds.

Keywords: History of Rio de Janeiro; History of sport; Realengo.



Introdução

A partir da última década do século XIX, em função de uma série de reformas urbanas que tinham em conta adequar a região central e sul a determinados parâmetros de modernidade, inspiradas no que já ocorrera em outras cidades de países considerados mais desenvolvidos, no Rio de Janeiro houve uma ocupação crescente dos arrabaldes, áreas antes marcadas pela existência de propriedades agrícolas.

Em geral, essas terras foram sendo loteadas e urbanizadas, acolhendo notadamente populares, mas também gente de estratos médios que, não podendo arcar com os custos de habitar no Centro e Zona Sul, se deslocou para o interior à busca de moradia acessível. Exponenciou e complexificou esse processo, uma série de iniciativas industriais e comerciais criadas na região nas décadas iniciais do século XX.⁵ Com isso, aumentou também o número de pessoas de grupos socioeconômicos mais elevados a viverem nos subúrbios.

A despeito dessa heterogeneidade social, os subúrbios foram estigmatizados. Seria, numa representação que se tornou corrente na cidade, o contraponto dos ideais de civilização e progresso que marcavam a reestruturação das áreas central e sul. Tratar-se-ia, nesse olhar, de uma região caracterizada pela desordem e atraso.⁴

Há pontos em comum no desenvolvimento dos diferentes bairros da zona suburbana, especialmente o protagonismo de lideranças locais. Até mesmo em função de uma usual falta de atenção dos poderes públicos para a região, esses personagens implementaram iniciativas diversas que tinham em conta melhorar as condições de urbanidade e combater os discursos estigmatizados.

Isso é, se no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX e XX passaram a circular mais intensamente ideais de civilização e progresso, algo que se manifestou, inclusive, na conformação de uma vida pública mais ativa,⁵ as lideranças suburbanas estabeleceram diálogos com tais noções que marcaram fortemente as reformas urbanas. Tratou-se de uma relação centro-periferia, todavia não estabelecida de forma linear. Houve releituras que tiveram em conta as peculiaridades locais.⁶

A propósito, o desenvolvimento dos bairros tem diferenças entre si, fruto das suas características de ocupação. Madureira, por exemplo, foi sempre marcado por uma intensa atividade comercial, enquanto a Zona da Leopoldina por uma vocação mais industrial, como foi também o caso de Bangu. Já Santa Cruz e Campo Grande, mantiveram seu aspecto rural.



Essas diferenças também se manifestaram na estruturação de um mercado de entretenimentos, entre os quais se encontram as iniciativas esportivas, ocorrências que se delinearam em decorrência do crescimento populacional e do processo de estratificação social. Mesmo havendo regularidades, como a criação de muitas agremiações, em ocasiões diversas mobilizadas em discursos de civilização e progresso, bem como o surgimento de clubes de futebol, uma modalidade que se espalhou por toda a cidade e estratos (SANTOS, 2010), percebe-se que as peculiaridades de cada bairro, em alguma medida, influenciaram na adoção de alguns perfis associativos.

Se considerarmos que essas agremiações foram importantes espaços de socialização, de organização local, de afirmação de certos princípios dos envolvidos, investiga-las pode nos permitir ampliar os olhares sobre a história da cidade ao perceber o protagonismo de diferentes grupos, as especificidades das distintas formações culturais, as diversas estratégias cotidianas que foram entabuladas para se viver melhor e contrapor determinados estereótipos.

Nesse sentido, a compreensão mais múltipla da história do Rio de Janeiro tem um aspecto político notável: reivindicar o reconhecimento de experiências de grupos sociais não centrais, ressaltando a ideia de que a cidade também é fruto do que ocorreu em regiões mais afastadas, como os subúrbios que, portanto, merecem maior atenção e cuidado (MACIEL, 2010).

Tendo em conta as motivações desse debate inicial, neste estudo pretendemos nos debruçar sobre as especificidades de um bairro da zona suburbana do Rio de Janeiro: Realengo. O objetivo é discutir as peculiaridades das iniciativas esportivas organizadas entre os anos de 1902, quando surgiu uma agremiação importante, o Clube Dramático, e 1940, data na qual se encerrou a trajetória de uma sociedade de ciclismo, o Realengo Pedal Clube.

Para alcance do objetivo, como fontes majoritariamente foram utilizados revistas e jornais publicados no Rio de Janeiro no período em tela. Há que se ter em conta que a maior parte do material consultado se constitui de anúncios de atividades e informes de resultados, sendo poucos os posicionamentos veiculados sobre as iniciativas.

Os periódicos foram acessados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Graças ao mecanismo de busca oferecido, foi possível consultar todos periódicos disponíveis na base. Certamente, apresenta-se o limite de não ser possível trabalhar mais intensamente com a peculiaridade de cada veículo utilizado, algo que foi minimizado pelo fato de que a maior parte das informações não eram opinativas. De outro lado, o maior ganho foi a extensão do encontrado, mesmo



tratando-se de agremiações pouco conhecidas, bem menos referenciadas do que os clubes mais famosos da cidade.

Não foram encontrados arquivos contendo informações das agremiações investigadas. O uso do Diário Oficial, do Almanak Laemmert e de poucos documentos do Arquivo Geral do Rio de Janeiro minimizou esse limite da pesquisa, usual quando se trata de clubes esportivos.

Como Realengo era um bairro no qual houve importantes unidades militares, este estudo tem em conta uma provocação de Néelson Fernandes (2006), “tratar as forças armadas como um agente de produção do espaço urbano, através da magnitude de sua ação e considerando a especificidade e complexidade das suas necessidades”. Para o autor, “Um princípio teórico geral de análise recomenda que o entendimento da atuação de um agente modelador do espaço urbano requer identificar a especificidade de suas ações, necessidades, projetos e projeções na sociedade”.

Pretendemos, portanto, lançar um olhar específico para esse tema a partir de uma ocorrência cotidiana, a fundação e funcionamento de agremiações esportivas. Essa é também uma faceta da experiência suburbana que merece ser investigada.

As terras realengas e as primeiras iniciativas esportivas

Em 1814, foram concedidas ao Senado da Câmara do Rio de Janeiro algumas terras realengas, isso é, pertencentes ao rei, que se localizavam na Freguesia de Campo Grande,⁷ região marcada pela existência de muitas propriedades agrícolas. Havia algumas famosas, como a Fazenda Piraquara, na segunda metade do século XVIII adquirida pela família Barata.

A ideia inicial era aproveitar a área concedida para que servisse exclusivamente como local de pasto e preparo de carnes a serem consumidas na cidade, mas logo surgiu um núcleo populacional maior em função do aforamento de certos terrenos que se transformaram também em lavouras ou entrepostos (VIANA, 2010).

Vale observar que Noronha Santos (1934) informa que em Realengo havia uma das quatro hospedagens da Estrada Real de Santa Cruz, que ligava a Quinta da Boavista ao Palácio de Santa Cruz. Segundo Vieira Fazenda (1921, p. 265):

Teve então seus grandes dias a Estrada de Santa Cruz; a frequente passagem do séquito real, de tropas a cavalo e a pé,



dava ao antigo caminho o aspecto de verdadeira avenida. Demais, quotidianamente cruzavam-se as carruagens dos ministros de Estado e fidalgos, as cavalgadas dos nobres empregados, reclamantes, peticionários e engrossadores, que todos iam receber ordens e ter a honra de beijar a mão de sua alteza o príncipe regente.

Outras ocorrências foram responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da região. Uma delas foi a instalação, em 1878, de uma estação da Estrada de Ferro D. Pedro II (futura Central do Brasil). Como bem sugere Abreu (1987), o aperfeiçoamento do funcionamento da linha férrea – a abertura de novas estações, a relativa melhoria dos serviços e o barateamento das passagens – foi de grande importância no processo de ocupação dos subúrbios.

No caso de Realengo, a instalação da estação férrea teve relação com uma questão estratégica que incidiu no seu desenvolvimento: atender unidades militares do Exército que no bairro se situavam e seguiriam existindo por décadas. Fridman (1999) demonstra como o Ministério da Guerra, já em meados do século XIX, influenciou na urbanização do arrabalde.

Em 1857, se instalou no bairro a Escola Geral de Tiro. Em 1874, começou a ser construído o novo Arsenal de Guerra da Corte, somente concluído, depois de décadas de interrupção e polêmicas, em 1897, nomeado como Fábrica de Cartuchos de Realengo. Em 1899, se fundiu com o Laboratório Pirotécnico do Campinho dando origem à Fábrica de Cartuchos e Artífícios de Guerra.

A essa altura, já se encontrava instalada, no lugar da escola de tiro, a Escola Preparatória e de Tática, mais conhecida como Escola Prática (1890). Em 1912, para Realengo foi transferida a Escola Militar, onde ficou até 1944, quando foi deslocada para Resende. Como bem percebe Viana (2010, p. 15):

a região, que nesses períodos serviu como palco de acontecimentos relevantes na história militar do país, conserva em seus prédios, ruas e praças variadas informações sobre o funcionamento dos estabelecimentos militares que a ocuparam, agiram sobre a paisagem do bairro e formaram uma estrutura urbana peculiar ao longo do século XX, tornando-se, durante certo tempo, o centro da vida social da localidade nos aspectos econômico, social e cultural, e constituindo-se em um reflexo dos ideais de progresso e modernidade propostos para o Exército e para a sociedade brasileira naquele período.



Em função da instalação dessas unidades do Exército, para Realengo se deslocaram militares de várias patentes, muitos com formação de nível superior, mas também, para atuar na Fábrica, operários e operárias, essas “contratadas dado o menor custo da mão de obra feminina” (VIANA, 2010, p. 98). Importante observar que o empreendimento fabril contribuiu com alguns serviços para o bairro, inclusive, durante algum tempo, com a distribuição de energia elétrica que, em definitivo, somente chegou à região em 1914.

Na década de 1920, no cenário de modernização do Exército, potencializou-se a atuação da Fábrica e da Escola Militar, uma ocorrência que impactou o desenvolvimento do bairro em vários âmbitos (VIANA, 2010), inclusive no tocante à estruturação de entretenimentos. A dinâmica social de Realengo se tornou mais complexa quando, a partir dos anos 1940, na região foram construídos conjuntos habitacionais, no mesmo período em que a Escola Militar foi transferida para Resende.

Os dados coligidos por Abreu (1987) ajudam-nos a perceber as mudanças populacionais. O Distrito de Realengo surgiu apenas em 1926. Até então, fazia parte de Campo Grande que, entre 1890 e 1906, viu dobrar o número de habitantes (de 15.950 para 31.248). Em 1920, já eram 52.405. Em 1940, só Realengo possuía 38.274 moradores. A essa altura, entre as profissões, os militares eram de maior número, seguidos por operários da indústria de transformação.

Como bem define Fridman (1999, p. 151), considerando a influência dos militares, “Esta mudança de uso, de povoado agrícola para localidade residencial, industrial e de serviços, implicou um processo de urbanização e valorização fundiária cuja marca foi a de ter sido empreendido pelo Estado”, algo pouco usual na ocupação dos subúrbios cariocas. Como, nesse cenário, se estruturaram iniciativas esportivas em Realengo?

Ainda no século XIX, foi criada a que parece ter sido a pioneira agremiação esportiva do bairro, o Clube Atlético Realengo (REALENGO..., 1887, p. 2), num momento em que foram fundadas várias sociedades semelhantes no subúrbio do Rio de Janeiro. Melo (2020) sugere que esse movimento teve relação com o primeiro fluxo de crescimento da região. Era uma tentativa de implementar nos arrabaldes práticas já usuais na área central da cidade.

A essa época, Realengo aparecia nos jornais, além de poucas ocorrências cotidianas, pelos fatos das unidades militares. Se houve mais iniciativas esportivas, não foram registradas nos periódicos. Possivelmente, existiam interessados no tema, como se pode ver numa solicitação feita, em 1901, à prefeitura do Rio de Janeiro, um pedido de autorização para a organização de



touradas.⁸

Quem assinou a missiva foi um militar, o Alferes Luiz Gonzaga Pereira, personagem que deveria ter algum destaque local, pois chegou a ser nomeado para suplente de delegado do 25º distrito (BRASIL, 1907). Não conseguimos saber se essa tourada foi promovida, mas identificamos que, em 1904, o Campo de Marte, um dos principais logradouros do bairro, acolheu uma arena na qual “diariamente se vê correrias de pessoas que, amantes forçados daquele ramo de esporte, se dedicam a servirem de capas e bandarilhas [...]. Dois terços da população entregam-se ao desenvolvimento da tauromaquia” (O REALENGO..., 1904, p. 2).

Havia ironia no posicionamento do cronista. No único número que há disponível de O Piraquara, um jornal do bairro, um “periódico de interesses locais”,⁹ a matéria adotou um tom crítico à falta de opções de entretenimento em Realengo. Percebe-se uma representação de que a vida social era marcada pelo marasmo, ao revés de outras regiões da cidade já muito animadas por divertimentos diversos. No mesmo veículo, indica-se que as principais alternativas eram botequins nos quais havia jogos de azar, longe das expectativas civilizadas de algumas lideranças locais.

Os membros das unidades militares promoveram algumas iniciativas no âmbito da diversão, inclusive esportivas. Houvera, num passado próximo, uma sociedade que, em 1904, alguns alunos da Escola Prática tentaram reanimar, o Clube Atlético da Pelota. No mesmo ano, o Andejo-Clube, uma agremiação de pedestrianismo, também formada por estudantes daquela instituição, organizou uma excursão à Praia Vermelha, onde foram recebidos pelos colegas da Escola Militar.

Até mesmo um time de futebol foi criado, suposto ser um dos primeiros da cidade, tendo sido agendado um jogo contra o pioneiro Football and Athletic Club, a ser realizado num *ground* em construção no Campo de Marte. Tratava-se de mais uma ação dos estudantes da Escola Prática (SPORT...,1904, p. 3).

Àquela altura, os militares eram os maiores dinamizadores do bairro. Numa região ainda muito rural, eram os propugnadores principais das ideias de civilização e progresso. Suas iniciativas, contudo, em geral, não envolviam o grande conjunto da população. De maior alcance no âmbito do entretenimento e do esporte, nos anos iniciais do século XX, duas ocorrências se destacaram em Realengo. Uma delas tinha relação com a vocação militar do lugar: o tiro.

Como vimos, o bairro acolhera uma escola militar de tiro. Mesmo quando foi extinta, o *stand* seguiu sendo utilizado para treinamentos e disputas entre



quartéis. Nos primeiros anos do século XX, passou a progressivamente sediar competições esportivas.¹⁰

Há que se ter em conta que o tiro esportivo é uma modalidade distinta por enfatizar ainda mais intensamente do que outras a ideia de contribuição para a defesa da pátria, uma preocupação que se exponenciou no Brasil no cenário pós-Guerra do Paraguai (SILVA; MELO, 2011), tendo claros impactos no campo da prática de atividades físicas.

Perceba-se que, em algumas cidades, houve uma linha de desenvolvimento da modalidade mais relacionada a costumes de estrangeiros que no país se instalaram.¹¹ No Rio de Janeiro, contudo, provavelmente por ser a capital nacional e local que abrigava muitas e importantes unidades militares, o tiro esportivo se estruturou conectado a ações governamentais, com participação ativa do Ministério da Guerra.

Era a tal ministério ligada a Confederação do Tiro Brasileiro, fundada em 1906, com o intuito de congregiar todas as agremiações do país ligadas à modalidade. Sua criação foi mesmo uma iniciativa ligada à modernização do Exército, liderada pelo à época responsável pela pasta da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca.

O desenvolvimento do tiro esportivo teve forte relação com duas instituições, o Tiro de Guerra e o Tiro Nacional. A primeira, criada nos anos iniciais do século XX, pretendia formar civis para que estivessem prontos para defender a nação. Posteriormente, se tornaram unidades para prestação de serviço militar obrigatório. Em muitas cidades, foram importantes centros de estímulo à prática de esportes.¹²

O Tiro Nacional também tinha por objetivo promover instruções para militares e civis.¹³ No Rio de Janeiro, em 1899, começou a funcionar o primeiro núcleo, no Palácio Guanabara. Segundo Gonzales (2008, p. 127), esse estande “se transformou em local para a prática do ‘tiro ao alvo’ ou ‘sport’ de tiro para os civis mais abastados financeiramente”. O segundo núcleo foi inaugurado, em 1901, em Realengo.

Nos anos iniciais do século XX, num cenário em que se percebe grande desenvolvimento esportivo na capital nacional, antigas agremiações passaram também a estimular a prática do tiro,¹⁴ bem como surgiram novas dedicadas à modalidade. Esse é o caso de uma associação que logrou certa repercussão pública, o Clube de Tiro Federal, fundado em 1906, sob supervisão do Estado Maior do Exército (CLUB DE TIRO FEDERAL, 1907).¹⁵

Sua sede social se localizava na Rua do Passeio e seu *stand* em Laranjeiras. Os



associados deveriam pagar 10 mil réis como joia, 3 mil réis como mensalidade, o mesmo valor como taxa de inscrição nas provas. Não era um valor tão alto tendo em conta um perfil de elite. Em 1904, o Vasco da Gama cobrava o mesmo como joia, mas 6 mil como mensalidade (ALMANAK LAEMMERT, 1904, p. 829). De outro lado, eram elevados os custos com armamento e munição que deveriam ser providenciados por cada sócio.

O primeiro presidente, que trouxe a ideia de fundar a agremiação depois uma viagem à Europa, foi um personagem importante, antigo prefeito da cidade (1895-1897), médico famoso, republicano convicto: Furquim Werneck. Bom atirador, campeão em várias ocasiões, foi um dos que concebeu o clube como um meio de “propaganda e desenvolvimento do tiro com armas portáteis utilizadas pelo Exército brasileiro” (PINTO, 2015, p. 126), tendo em vista dar uma contribuição para a defesa e progresso do país.

De fato, naquela década inicial do século XX, no relatório da Força Policial do Distrito Federal se reconheceu que “nas sociedades civis de esporte [...] já está estabelecido esse jogo atlético, com vantagens para os que nela congregam tal a convicção deles de estarem cuidando da mais espontânea, segura e elementar arte da luta militar” (BRASIL, 1906, p. 233). Na visão do informante, a existência desses clubes demonstraria “estar se generalizando entre nós o gosto por esse belo exercício”.¹⁶

O Tiro Federal, embora promovesse a maior parte de suas atividades no Tiro Nacional do Palácio Guanabara, também organizou muitos eventos em Realengo, ocasiões nas quais usualmente se contava com boa assistência.¹⁷ Como público, havia moradores do bairro, mas boa parte vinha mesmo da região central da cidade, aproveitando a oferta de trens exclusivos com carros de primeira classe (uma expressão do estrato social dos associados ao clube).¹⁸

Não era efetivamente uma atividade popular. Ainda que também marcado por caráter festivo e de confraternização, era, em certa medida, um evento solene – todos os competidores trajando a farda do clube e portando suas armas. Não era incomum a presença de autoridades, como o Ministro da Guerra Hermes da Fonseca, entusiasta da vulgarização da prática do tiro.

A despeito da importância desse estande para o desenvolvimento do tiro esportivo na cidade, nos primeiros anos do século XX não foi organizada uma agremiação da modalidade no bairro. Nesse momento, destacaram-se mesmo as iniciativas de uma sociedade dedicada ao teatro, o Clube Dramático do Realengo.

Criado em 1902, com sede na Estrada Real de Santa Cruz, tornou-se mais



notado quando, em 1905, inaugurou uma seção dedicada ao carnaval, depois uma sociedade independente, os Silenciosos do Realengo (REALENGO..., 1913, p. 4). Além de bailes, esse grupo organizava desfiles públicos que mobilizavam a população local por ocasião das festas momescas.

Nesse mesmo momento, devemos registrar a relevante atuação da Sociedade Recreativa Flor da Esperança, que tinha sede nas redondezas da estação férrea. Entre 1902 e 1910, promoveu muitos bailes de carnaval e *soirées*. Aparentemente, foi uma sociedade dançante à moda das que havia na cidade desde a primeira metade do século XIX.

Um de seus presidentes foi um funcionário civil da Fábrica de Cartuchos, o porteiro Francisco da Graça Leitão (REALENGO..., 1904, p. 4). É provável que se tratasse de um clube que envolvia grupos mais populares, ainda que contasse com a participação de gente de estratos médios que também frequentava o Clube Dramático.

Voltemos a essa agremiação. Nas décadas iniciais do século XX, muitas foram as sociedades dramáticas fundadas na cidade. De acordo com Penna-Franca (2016), entre 1871 e 1920, pelo menos 39 bairros tiveram clubes dessa natureza, 17 do subúrbio. Segundo a autora,

[...] criadas e mantidas por imigrantes, operários, senhoras e senhores da ‘boa sociedade’, apontam para a popularização dessa prática e indica que o teatro constituiu um espaço importantíssimo de atuação e expressão social para diferentes grupos sociais da cidade (PENNA-FRANCA, 2016, p. 12).

Para a autora, mais do que somente dedicados às atividades dramatúrgicas, tais clubes se constituíram em pontos de sociabilização dos bairros, oferecendo múltiplas atividades, minimizando a sensação de carência de diversões públicas. Mais ainda, “tornaram-se também espaços legítimos de participação e ação política que garantiam a cidadania de seus associados” (PENNA-FRANCA, 2016, p. 220).

Não foi fácil, pelo conjunto de evidências, precisar os envolvidos com o Clube Dramático do Realengo. Entre os diretores, se encontravam algumas lideranças do bairro, como Cantidio de Aguiar Curvello, participante das provas de tiro esportivo, seguidor do senador Augusto de Vasconcellos, um dos líderes políticos mais importantes do subúrbio.

Vejamos a diretoria de 1909 para tentar traçar melhor um perfil dos



envolvidos.¹⁹ O presidente era João Pimentel da Conceição, tenente honorário, amanuense e escrivão da Fábrica, também jornalista. Foi um dos partícipes ativos do Congresso Suburbano, uma iniciativa cujo intuito era articular lideranças do subúrbio a fim de fortalecer as reivindicações locais. Atuou constantemente na solicitação de melhorias para Realengo (MENDONÇA, 2017).

Também atuava na Fábrica o 2º secretário do clube, o Guarda-Geral Diógenes Chaves de Souza. O diretor de cena, Maximiano Fonseca da Costa, era guarda da Escola Militar. Perceba-se o perfil dos três citados: ligados às Forças Armadas, mas não militares de carreira.

O Clube Dramático do Realengo, desde seus primeiros anos de funcionamento, frequentemente organizou récitas. Em 1904, por exemplo, promoveu com grande festa e afluxo de público uma apresentação do ator amador Agenor Brandão, um funcionário civil do Exército que exerceu durante anos a função de jornalista. Mesmo reconhecendo as deficiências da encenação, o cronista de O Piraquara julgou que a assistência se portara mal ao não aplaudir com empenho suficiente o espetáculo (CLAQUESAU, 1904, p. 39). Uma vez mais, exigia posturas civilizadas tendo em vista o progresso do bairro.

Nesse mesmo ano, provavelmente atuando como atores e atrizes membros da agremiação, moradores de Realengo, apresentou-se a opereta “X do Problema”, de Sallendor. Em 1905, comemorou-se o sucesso da representação de uma obra do maestro Dornelas, que “incumbiu-se de todo o trabalho de ensaio da sua própria revista”, uma performance de “amadores daquele clube” (OS SUBÚRBIOS..., 1905, p. 2). Possivelmente, a sociedade possuía uma escola dramática, ao menos oferecia aulas e ensaios. Muitas peças tinham relação com questões locais.

Nos jornais, em geral, as representações teatrais eram consideradas modestas, mas a sede elegante e sempre arrumada com capricho para acolher as muitas atividades sociais promovidas pelo clube, especialmente bailes.²⁰ O intuito da agremiação, para um cronista, era “distrair, tanto quanto possível” (CLUBE..., 1905, p. 4) a laboriosa população do bairro.

Era mais do que isso. O clube tinha intuítos claros de contribuir com o processo civilizatório local, apresentando e envolvendo a população em uma atividade valorizada na cidade, inclusive e notadamente nas regiões mais privilegiadas socioeconomicamente.

Vejamos que um comunicado do clube informou que, “com o intuito de despertar o gosto pela arte, estimular os estudiosos a criar um ponto de reunião útil e agradável à população dessa localidade” (DIA..., 1905, p. 3), a diretoria



tinha resolvido instituir uma série de conferências literárias. Ao final de cada sessão, havia um sarau com música e poesia.

Tratava-se de reafirmar um compromisso com o bairro, com seu progresso e desenvolvimento cultural. Para além disso, como vimos, tinha certa inserção política, pelo menos manifesta na atuação de alguns de seus diretores.

No fim da década de 1900, esse era o quadro que havia na vida associativa de Realengo: um clube consolidado, referência local, ativo, oferecendo festas, bailes e principalmente atividades dramatúrgicas; um estande de tiro que recebia muitas competições, nas quais comparecia público que vinha do Centro; algumas iniciativas esparsas no âmbito do entretenimento, inclusive no que tange à prática de esportes; grupos carnavalescos sazonais; nenhuma agremiação esportiva. O quadro iria mudar em breve.

Iniciativas esportivas nas terras realengas: tiro e futebol

No 2º semestre de 1910, com euforia, os jornais anunciaram a criação do Tiro Brasileiro do Realengo, uma agremiação dedicada a civis e militares.²¹ Na verdade, foi um momento em que várias sociedades semelhantes foram fundadas no subúrbio: Pavuna, Inhaúma, Bangu, entre outras.

O Clube Dramático cedeu sua sede para a “organização desse patriótico clube de defesa nacional” (TIRO..., 1910, p. 6). A comissão de instalação, a propósito, contou com a participação de diretores da antiga agremiação: João Pimentel da Conceição e Cantidio de Aguiar Curvello. Presidia o grupo, o coronel Luiz Barbedo, diretor da Fábrica.

Outro participante foi o professor Alvaro Augusto Domingos Gomes. Funcionário do Diário Oficial, sócio do Tiro Federal, envolvido com a dinamização de outras iniciativas da modalidade, se tornou vice-presidente da agremiação de Realengo. Foi o redator da seção “Subúrbios” de A Notícia, onde se punha em defesa das causas suburbanas.

Assumiu a presidência, o alferes honorário José Luiz Martins Penha. A diretoria sempre contou com militares de carreira, bem como civis envolvidos com as unidades do Ministério da Guerra. Os outros presidentes foram o tenente Aristides Paes de Souza Brasil, o major José Pacheco de Assis e o capitão João Augusto Guimarães.

Foi rápida a adesão de associados e estruturação da nova sociedade. Um cronista estimou, meses depois da criação, que já contava com mais de 80 atiradores (A NOTÍCIA, 1910a, p. 3). Logo teria sede própria, cedida pelo



Exército, no Campo de Marte. Da mesma forma, foi aceita na Confederação de Tiro Brasileiro, decisão saudada pelas ruas de Realengo com gritos de exaltação à República (A NOTÍCIA, 1910b, p. 3). Em pouco tempo, suas atividades tinham repercussão pública.

Os Tiros Brasileiros eram clubes que mesclavam funções. Eram espaços de sociabilidade, mas seus associados também recebiam instrução militar, assumiam certas responsabilidades e se punham a serviço da pátria. Em 1910, por exemplo, quando houve a Revolta da Chibata, o Tiro Brasileiro do Realengo ficou de prontidão para ajudar o governo no que fosse necessário, bem como garantir a tranquilidade das ruas do bairro (NOS SUBÚRBIOS..., 1910, p. 2). Era notável sua intencionalidade patriótica.²²

Os Tiros integravam uma grande congregação dirigida pelo Ministério da Guerra. Seus associados se envolviam em competições, mas também em exercícios de batalha. Os campeonatos combinavam “tanto a parte esportiva como a parte da guerra propriamente dita” (INSTRUÇÃO..., 1912, p. 9).

Além disso, eram promovidos cursos e palestras de caráter cívico. Em alguns núcleos, foram oferecidas aulas de esgrima e ginástica, sempre tendo em conta a preparação para a defesa nacional. Havia até mesmo postos militares honorários para os dirigentes, cargos ocupados por concurso público.²³

Embora não fossem concebidos *stricto sensu* como espaço de diversão, essas agremiações movimentavam a vida social, especialmente por ocasião das competições. O Tiro Brasileiro de Realengo colocou o bairro nesse mapa de ações, algo que fazia jus à trajetória da prática na região.

Enquanto o Tiro Brasileiro se organizava – antes do final da década encerraria suas atividades, o Clube Dramático do Realengo, em 1912, passou por uma mudança importante: a criação de uma equipe de futebol. Nessa ocasião, quatro dos cinco diretores abandonaram a função, ficando apenas Maximiano Fonseca da Costa (CLUBE..., 1912, p. 6).

Tratou-se de algum descontentamento com os rumos do clube que tendia a se popularizar? Na verdade, também houve, em 1914, um conflito no Tiro Brasileiro.²⁴ Ampliava-se a base social das agremiações e as diferentes percepções acerca do seu funcionamento tornavam-se aparentes e motivos de tensão.

Em pouco tempo, o Clube Dramático possuía um campo de futebol e três times representativos que disputavam *trainings* com agremiações do subúrbio. Foram também promovidos campeonatos internos com equipes formadas pelos sócios (o que dá a impressão que, de fato, crescera rapidamente o interesse pelo



velho esporte bretão).

Em 1915, uma nota informou que já havia “seis adestrados *teams* afim de disputarem *matches*” (FUTEBOL..., 1916, p. 5), liderados por Francisco da Graça Leitão, José Raimundo Cardoso e Maximiano Costa, esse último apresentado como “esteio do socialismo realenguense”, provavelmente uma referência a seu papel de líder do bairro. Os três assumiram as funções de presidente, vice-presidente e tesoureiro.

O Clube Dramático esteve envolvido com diversas ligas do Rio de Janeiro, entre as quais a Associação Carioca de Futebol, criada em 1915, e a Liga Suburbana de Futebol, fundada em 1916. Nas duas, disputou partidas em Realengo e em outros bairros da cidade. Mais ainda, da primeira foi a sede. Em 1921, filiou-se à Associação Atlética Suburbana, rival da segunda na condução dos caminhos do velho esporte bretão na região (SANTOS, 2010).

As equipes do clube chegaram a ter bom desempenho nas pugnas futebolísticas, especialmente quando jogavam “em casa”, o que por alguns foi interpretado como algo que valorizava o bairro. Tal experiência, todavia, no âmbito do subúrbio, não teve muita repercussão em função da proximidade física com outra agremiação de muito destaque, o Bangu Atlético Clube, filiado às ligas mais importantes da cidade.

No tempo em que esteve ligado à Associação Carioca, mobilizou o bairro um enfrentamento local, as partidas disputadas contra o Esporte Clube Realengo, uma agremiação aparentemente de menor porte. A princípio, usava as instalações do Clube Dramático, posteriormente construindo um campo próprio no Largo da Igreja. O relato dos encontros entre ambos sempre ressaltava a numerosa assistência.²⁵

O envolvimento do Clube Dramático com o futebol não significou abandono de antigos costumes. Bailes, festas e eventos carnavalescos seguiram comuns, além de apoio a iniciativas comunitárias diversas, entre as quais o acolhimento a novas sociedades, como foi o caso do Grêmio das Sempre Vivas, grupo feminino dedicado a atividades sociais (NOS SUBÚRBIOS..., 1913, p. 6).

Manteve-se também sua vocação teatral, tanto a promoção frequente de apresentações quanto a realização de festivais. Em 1919, um desses eventos foi amplamente noticiado nos jornais, reconhecendo-se a excelência da organização e a grande presença de público (RIBALTAS..., 1919, p. 2). O cronista da Gazeta Suburbana²⁶ não conteve a empolgação: “Esteve à cunha e supimpérrima a récita que esse clube realizou no sábado” (RIBALTAS..., 1919, p. 2).

Alguns eventos mesclavam as atividades. Vejamos o perfil de um “festival



de esportes e teatro” (ATLETISMO..., 1916, p. 7), promovido em 1916. A programação previu jogos de futebol, páreos de corridas e provas de jogos atléticos diversos, bem como a exibição de um espetáculo teatral para encerrar. O título da peça era João Candido. Seria uma referência ao líder da Revolta das Chibatas? Se sim, delineava-se um perfil distinto ao do Tiro Brasileiro, sempre enfático defensor da ordem e do já presidente Marechal Hermes da Fonseca.

É fato que o Clube Dramático acolheu grupos de caráter político, como o Comitê Pró-Nilo Seabra, cujo intuito era “intensificar a chapa da Reação Republicana²⁷ em todo o intenso ramal de Santa Cruz” (COMITÊ..., 1921, p. 2). Não surpreende que o movimento tenha se estabelecido em Realengo, uma decorrência do descontentamento de militares com a condução do país. Vale lembrar que, em 1922, houve o levante de algumas unidades do Exército, inclusive da Escola Militar, base do tenentismo.²⁸

Não há evidências de que a agremiação tenha diretamente se envolvido com esses temas explicitamente políticos, mas não é difícil que isso ocorresse, em maior ou menor grau, inclusive porque a relação das sociedades recreativas de Realengo com as unidades militares foi sempre intensa.

Naqueles turbulentos inícios dos anos 1920, um novo clube surgiu no bairro, o Casino do Realengo, presidido por Leonel F. Chaves, cirurgião dentista renomado, e destacada atuação de João Gomes Carneiro de Albuquerque (CASINO..., 1921a) jovem líder político local. Pensada para ser uma sociedade de dança, desde o início foi concebida para ser uma iniciativa de civis. Segundo um cronista, nos momentos que antecederam sua fundação, José Ribeiro Machado, dono de uma farmácia na Estrada de Santa Cruz, “apresentou um projeto sobre a inconveniência de admissão de cadetes” (CASINO..., 1921b, p. 10).

O que teria levado a tal situação? Incômodo com o protagonismo dos militares? A tentativa de construir uma experiência que não passasse por seu filtro? Não temos indícios para responder essas questões, mas fica claro que havia um movimento de descolamento das experiências anteriores.

Parece claro que o Clube Dramático continuava marcado pela atuação de gente ligada às unidades do Exército, civis e militares. Em 1922, voltou a assumir a presidência o já citado João Pimentel, liderando uma diretoria na qual havia muitos ligados às Forças Armadas. A propósito, a agremiação foi impactada pelas ocorrências da primeira metade da década, tanto o já citado levante da Escola Militar quanto a Revolta Paulista de 1924. Nesse ano, enviou ofício à Associação Atlética Suburbana pedindo suspensão dos seus jogos por seus associados estarem de prontidão (FUTEBOL..., 1924, p. 6). Essa liga acabou



por cancelar várias rodadas já que muitas de suas filiadas tinham problema semelhante.

Essas ocorrências, bem como a alteração do perfil populacional do bairro, talvez ajudem a entender outra mudança promovida em 1926. O Clube Dramático do Realengo transformou-se em Dramático Atlético Clube, fruto da fusão com o Ypiranga Futebol Clube, que antes jogava em Cascadura (LIGA..., 1926, p.10). Com isso, passou a participar das contendas da mais prestigiosa Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Pode-se mesmo perceber que aumentou a ambição de inserção da agremiação nos meios futebolísticos cariocas, ainda que não abandonasse suas bases locais.

Entre os envolvidos com essa nova fase do Dramático, pode-se destacar Lindolpho Alves Ferreira, funcionário do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, uma importante liderança política de Realengo; Olympio Castellões, que chegou a ocupar lugar na direção da Liga Metropolitana e na Associação Atlética Suburbana; Hermes Pereira Dias, também dirigente da Metropolitana. Maximiano Fonseca da Costa seguiu cuidando do teatro.

Em 1927, reconhecendo o novo cenário do bairro, que crescera e se diversificara societariamente, a diretoria do Dramático promoveu um festival esportivo “dedicado a todos os clubes de Realengo e em homenagem às Exmas. famílias da mesma localidade” (DRAMATICO..., 1927, p. 4). Nos anos finais da década, contudo, não sabemos por quais motivos, estava extinto o clube.

Enfim, no período em tela, agremiações de diferentes perfis movimentaram Realengo. O Tiro Brasileiro era mais restrito, menos recreativo, mais centrado nas possíveis contribuições para a nação a partir da adoção de um caráter militar pronunciado. O Dramático e as outras sociedades eram mais diretamente relacionadas ao entretenimento, havendo diferenças de funcionamento e intuito entre elas, ainda que por vezes coincidência entre os associados. O Casino, ao contrário das outras, desejava se afastar dos militares, renunciando a formação de uma elite civil no bairro.

Um clube de ciclismo no bairro de Realengo

Na década de 1930, já extinto o Dramático, o Casino do Realengo se tornou notório pelas atividades sociais organizadas em sua sede, localizada perto da estação férrea: encontros políticos, bailes, festas diversas, inclusive as carnavalescas. Seguindo o antigo costume do bairro, promoveu eventos dramaturgicos.²⁹



Também se envolveu com o velho esporte bretão, se filiando à Liga de Amadores de Futebol.³⁰ Nessa modalidade, a agremiação entraria para a história por ser uma das primeiras da cidade e do Brasil a ter uma equipe feminina. Disputou um dos pioneiros torneios, promovidos no campo do Bonsucesso, em conjunto com o Esporte Clube Brasileiro, o Valqueire e o Eva (O. S. C. BRASILEIRO..., 1940, p. 6).³¹

Vale citar que um estímulo para tal envolvimento feminino existia desde o tempo em que foi presidente da agremiação João Guilherme Vieira, o Vieirinha, fiscal da prefeitura, líder político e de várias iniciativas associativas da região, defensor, em várias ocasiões, da ampliação da participação de mulheres no esporte.³²

O Casino não era a única agremiação dedicada ao futebol que animava o bairro. Entre outros, havia o Piraquara Futebol Clube, o Cruzeiro Esporte Clube, o Esporte Clube Corinthians, o Realengo Atlético Clube. Todavia, no tocante à década de 1930, nos interessa mais discutir a trajetória de outra associação por ser uma expressão da configuração de outro perfil da elite local, uma sociedade ciclística, o Realengo Pedal Clube.

Nos anos 1920, foram criados dois clubes de ciclismo pioneiros no subúrbio, o Ciclo Suburbano Clube (de Madureira) e o Velo Esportivo de Ramos. Na década de 1930, várias sociedades semelhantes foram fundadas nos bairros da região. Segundo Melo e Santos Junior (2020): “Juntamente com o futebol, o esporte do pedal parece ter sido, naquele momento, por suas características, o que mais percorreu a cidade de ponta a ponta, criando uma certa capilaridade e estímulo para a prática” (p. 13).

Para entender a criação do Realengo Pedal, deve-se ter em conta as mudanças que houve no bairro. De um lado, se fortaleceu uma sociedade civil que em definitivo assumiu a liderança das reivindicações locais, semelhante ao que ocorria em outras regiões do subúrbio:

As edificações da região, na época, possuíam estilos, dimensões e qualidade de construção comparáveis àquelas localizadas em áreas tradicionalmente nobres da cidade, apresentando também uma riqueza de elementos arquitetônicos que revela o poder aquisitivo dos antigos moradores (VIANA, 2010, p. 140).

De outro lado, não se reduziu a importância das unidades do Exército. Os militares de mais alta patente seguiam integrando a elite local:



Nas ruas Bernardo de Vasconcelos, Doutor Lessa e Marechal Soares Andréa, mais próximas à escola, a maioria dos imóveis era utilizada por militares e funcionários da alta hierarquia da Escola Militar. [...]. Na área do entorno da praça Nossa Senhora da Conceição, principalmente no trecho da avenida de Santa Cruz, os imóveis já se caracterizavam por sua dupla função, constituindo sobrados nos quais os andares superiores se destinavam à residência dos negociantes, e o térreo ao funcionamento de estabelecimentos comerciais. As fachadas ostentavam, além da data de construção - costume típico da época - elementos de ornamentação que identificavam a posição social do morador [...] (VIANA, 2010, p. 140).

Nesse cenário, houve uma dinamização da vida social. Deve-se fazer uma referência à abertura, em 1938, do Cine Theatro Realengo, uma grande sala que acolhia mais de 1000 pessoas. Por seu estilo arquitetônico, pelas fitas exibidas, pela movimentação causada ao seu redor, foi mais um dos indicadores da circulação de ideias de modernidade no bairro.³³

O ciclismo era um esporte que mobilizava noções interessantes à elite local. Desde o século XIX, era encarado como sinal de civilização e progresso, exponenciando símbolos que se forjaram ao redor do uso das bicicletas: velocidade, mobilidade, liberdade.³⁴

Melo e Santos Junior (2020) sugerem que, naqueles anos 1930, a bicicleta “ainda era um produto caro, mas já bem mais barato do que fora no século XIX, quando era totalmente importada. Na primeira metade do XX, já era montada no Brasil e a indústria nacional produzia algumas peças” (p. 14). De toda maneira, mesmo que começando a se popularizar, o ciclismo ainda se tratava de uma modalidade majoritariamente praticada por gente de estratos médios ou altos, o que seria também um fator de diferenciação num bairro em que o popular futebol se espalhava.

Um primeiro indício da prática do ciclismo no bairro foi identificado em 1930, o anúncio de uma competição promovida pelo Cycle Carioca Club de Realengo (UMA INTERESSANTE..., 1930, p. 8). A notícia dá a crer que era um evento muito bem organizado. Todavia, não conseguimos mais informações sobre ele, bem como sobre a sociedade promotora.

Ainda se pode ver sua participação em algumas provas, como uma promovida pelo Velo Esportivo de Ramos, em 1931 (CICLISMO..., 1931), mas a agremiação



parece mesmo ter sido de curta duração. De toda forma, deixou latente a ideia de que, em Realengo, havia interessados no ciclismo.

Esse interesse ficou claro alguns anos depois, em dezembro de 1937, quando uma sociedade carnavalesca, Caprichosos de Realengo, realizou o “Dia Esportivo de Realengo”. Atraíram muitos interessados as provas organizadas pela Liga Carioca de Ciclismo e Motociclismo por meio de seu diretor Oswaldo Moreira Guimarães, funcionário civil da Escola Militar, “um dos grandes animadores do esporte do pedal nos subúrbios” (O DIA..., 1937, p. 7), promotor de muitas competições importantes do ciclismo carioca.

Um cronista celebrou o evento como uma ocasião para estimular a prática e revelar valores da região, uma “oportunidade para mostrarem a sua fibra” (O DIA..., 1937, p. 7). Em 1938, fundou-se o Realengo Pedal Clube, com sede na Estrada Real de Santa Cruz. Logo estava filiado à Liga Carioca e participando das provas pela entidade promovidas. Em maio, obteve inclusive bons resultados em competição realizada no Campo de São Cristóvão (CICLISMO..., 1938a).

No mesmo ano, a agremiação promoveu pela primeira vez o Circuito Ciclístico de Realengo, em homenagem e contando com apoio do comércio da região (O CIRCUITO..., 1938a). Essa foi uma ocorrência comum em muitos bairros do subúrbio, o incentivo do setor a ações que contribuíssem para o desenvolvimento local, para o forjar de uma ideia de que na área também se estruturavam iniciativas que expressavam adesão a ideais de civilização e progresso.³⁵

Um dos ciclistas da agremiação, João Athayde, logo se destacou nas competições, tornando-se mais famoso quando se tornou detentor de um dos primeiros recordes aferidos da modalidade no Brasil (A PROVA..., 1939, p. 5). Sua ascensão foi meteórica. Meses antes disputara uma prova para iniciantes dos subúrbios, num momento em que o Realengo Pedal começou a se destacar por inscrever grande número de competidores (CICLISMO..., 1938b).

Quem eram esses ciclistas mais usuais? Já citamos o vencedor João Carneiro Athayde, funcionário do Ministério da Agricultura. Abel Lopes Garcia foi um costureiro competidor, chegando a obter bons resultados em muitas pelejas; nada conseguimos saber sua vinculação laboral, somente que era morador de Realengo. O mesmo pode-se dizer de Acyr Gevarzoni, Alceu de Oliveira Souza, José Ribeiro da Silva (atleta negro que depois se transferiu para o Ciclo Suburbano) e Francisco Gomes Bezerra.³⁶

A falta de outras referências que não as esportivas nos dá a noção de que se tratava de “gente comum”, isso é, trabalhadores de estrato médio que se



dedicavam ao esporte em seu tempo disponível. A propósito, também não localizamos muitas informações sobre a diretoria da agremiação. O único mais conhecido era José Reny de Araujo, antigo ciclista, dirigente e organizador de provas.

No ano de fundação, o clube participou da principal prova do ciclismo fluminense à ocasião, o Circuito do Rio de Janeiro, já na sua sexta edição. Entre os 13 clubes que tomaram parte na peleja, foi um dos cinco que mais inscreveu atletas (MAIS..., 1938, p. 5), entre os quais o vencedor, o citado João Athayde.

Nessa edição, se explicitou uma disputa que vinha se delineando nos anos anteriores em função do espraiamento do ciclismo pela cidade:

Há um detalhe interessante que o público desconhece e que se torna necessário esclarecer. Existe uma rivalidade esportiva entre os ciclistas da cidade e os suburbanos, e nunca houve uma oportunidade para um confronto de forças como o que agora se oferece (O CIRCUITO..., 1938, p. 7).

Percebe-se no discurso a oposição entre a “cidade” e o “subúrbio”, como se esse não fizesse parte do primeiro. Deve-se considerar que o jornal A Noite, promotor da competição, estimulava essa rivalidade para chamar a atenção do público, mas, na verdade, ela vinha mesmo se acentuando em função dos bons resultados obtidos por ciclistas do Ciclo Suburbano (MELO; SANTOS JUNIOR, 2020). Um cronista chegou a comentar que “sabido [...] é que os subúrbios têm sido um verdadeiro celeiro de bons corredores” (O VI CIRCUITO..., 1938, p. 7).

Na ocasião do VI Circuito do Rio de Janeiro, outro ciclista do subúrbio se destacou, um dos que se tornaria dos mais vitoriosos de seu tempo, Lavoura (Antonio Teixeira da Fonseca), da União Ciclística de Campo Grande. Essas conquistas eram muito valorizadas pelas lideranças suburbanas, mobilizadas como indicador dos avanços civilizacionais da região.³⁷

Em 1940, ainda estava ativo o Realengo Pedal Clube. Participou de competições, em algumas obtendo bons resultados, e promoveu sua prova anual, parte do calendário ciclístico da Liga.³⁸ Marcou presença até mesmo na atividade de encerramento da temporada. No ano seguinte, contudo, já não encontramos mais notícias sobre a agremiação.

Não conseguimos saber os motivos para seu fim. Identificamos que alguns ciclistas se transferiram para a União Ciclística de Campo Grande, entre os quais João Athayde, que seguiu obtendo bons resultados. De toda forma, ainda



que breve, foi marcante a trajetória do Realengo Pedal Clube, expressão das mudanças e particularidades daquele bairro da zona suburbana.

Conclusão

Ainda que haja regularidades, no processo de conformação dos bairros dos subúrbios cariocas existem particularidades que merecem ser investigadas para que possamos compreender de forma mais múltipla a história do Rio de Janeiro.

A peculiaridade notável de Realengo é que seu desenvolvimento teve forte relação com a instalação de unidades das Forças Armadas. Com isso, no bairro se conformou uma elite integrada por oficiais e civis com profissão de nível superior ou donos de negócios, bem como um estrato popular formado por operários e militares de baixa patente. Entre eles, havia setores intermediários que lideraram iniciativas que contribuíram para a dinamização social local, destacando-se civis que trabalhavam nos quartéis do Exército.

O processo de estruturação de agremiações em Realengo é uma expressão da sua especificidade. Não surpreende que as iniciativas de tiro tenham sido as primeiras a se organizar, no decorrer do tempo adquirindo um formato menos ligado à diversão, mais a uma proposta de preparação para contribuir com a defesa da nação. Houve, contudo, um grupo dramático que ofereceu entretenimento diverso para o bairro que progressivamente se estruturava. Ambas tinham em conta adotar parâmetros de civilização e progresso, difundindo uma leitura das ideias de modernidade.

Não surpreende que, com tensões internas, o Clube Dramático tenha aderido ao futebol num momento em que essa modalidade se espalhava pela cidade e em que a região passava por mudanças societárias com a chegada de maior número de populares. O velho esporte bretão estava se tornando, assim como em outras localidades, o mais praticado no bairro. Realengo não chegou a ter uma grande equipe, como ocorreu com o vizinho Bangu, mas deixou registros por ter um dos pioneiros times de futebol feminino.

Nos anos 1930, o bairro teve grande desenvolvimento, em parte relacionado à instalação da Escola Militar. Como desdobramento, fortaleceu-se uma sociedade civil que procurava se inserir mais intensamente nas iniciativas da cidade. A criação de uma agremiação de ciclismo, incentivada por lideranças locais, especialmente por gente do comércio, é uma expressão dessa movimentação, ainda que tenha sido de curta duração sua trajetória.



As vitórias obtidas por alguns de seus associados, bem como a boa performance na organização de eventos, ajudaram a celebrar o nome do bairro, a combater estigmas de que o subúrbio se tratava de um lugar desordenado e pouco desenvolvido. Com o envolvimento com o ciclismo, até mesmo mais do que ocorrera com o futebol, Realengo passou a ser considerado parte do grande concerto civilizado do Distrito Federal. Tinha deixado de ser um sítio somente militar, transitado para também ser um espaço civil. Não era mais somente uma localidade rural, merecendo, nesses discursos, ser encarado como integrante da urbanidade carioca.

Vale destacar o quanto o esporte pode ser uma chave para lançarmos novos olhares para a história do Rio de Janeiro, percebendo como também foi fruto da ação de diferentes grupos sociais que pela cidade se espalhavam, não somente daqueles que se concentravam nas regiões central e sul.

Referências

- A CIDADE que se diverte. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1937.
- A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, ano 268, 10 - 11 nov. 1910a.
- A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, ano 268, 3 - 4 nov. 1910b.
- A PROVA ciclística. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 maio 1939.
- ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO: Zahar, 1987.
- CLAQUESAU. Agenor Brandão. *O Piraquara*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 9 nov. 1904.
- ALMANAK LAEMMERT. *Club de regatas Vasco da Gama*. Rio de Janeiro: [Eduardo e Henrique Laemmert], 1904. Recreação e divertimentos.
- ASSMANN, Alice Beatriz. *O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- ATLETISMO. *Jornal do Comércio*, [Rio de Janeiro], 19 fev. 1916.
- BONFIM, Aira Fernandes. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução*



à proibição (1915-1941). 2019. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório da Força Policial do Distrito Federal 1905*. Rio de Janeiro: MJNI, 1906.

BRASIL. Policia do Districto Federal. Por actos de 15 do corrente, foram nomeados suplentes de delegados. *Diário Oficial da União*: seção 1, Rio de Janeiro, p. 3, 19 abr. 1907.

CASINO Realengo. *A Noite*, [Rio de Janeiro], 21 nov. 1921a.

CASINO Realengo. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 9 set. 1921b.

CICLISMO. *A Noite*, [Rio de Janeiro], 11 abr. 1931.

CICLISMO. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 24 mai. 1938a.

CICLISMO. *Jornal do Comércio*, [Rio de Janeiro], 1 fev. 1938b.

CICLISMO. *Jornal do Comércio*, [Rio de Janeiro], 8 - 9 abr. 1940.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1901.

CLUB DE TIRO FEDERAL. *Estatutos do Club de Tiro Federal*: fundado em 13 de Maio de 1906 e aprovado em Assembleia Geral de 20 de janeiro de 1907. Rio de Janeiro: Tipografia da Papelaria Brazil, 1907.

CLUBE de Tiro Federal. *A Imprensa*, [Rio de Janeiro], 5 jul. 1908.

CLUBE Dramático do Realengo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1912.

CLUBE Dramático do Realengo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1905.

COMITÊ Pró-Nilo Seabra em Realengo. *A Rua*, [Rio de Janeiro], 6 dez. 1921.

DIA social. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 out. 1905.

DIREITOS do feminismo. *O Suburbano*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1935.

DRAMATICO Atlético Clube. *A Rua*, [Rio de Janeiro], 23 abr. 1927.

FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revista IHGB, 1921.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.



FERNANDES, Nelson da Nobrega. Os militares e o espaço urbano do Rio de Janeiro: um programa de pesquisa em geografia urbana e geopolítica. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 10, n. 218, p. 27, 2006.

FON FON. Rio de Janeiro, ano 11, n. 14, 11 jul. 1908.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. A crise da república oligárquica no Brasil: as primeiras manifestações tenentistas. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 61-69, 1976.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FUTEBOL. *A Época*, Rio de Janeiro, 16 maio 1916.

FUTEBOL. *O Brasil*, [Rio de Janeiro], 8 jul. 1924.

GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *A territorialidade militar no Brasil: os tiros de guerra e a estratégia da presença*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

INSTRUÇÃO militar. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 8 jun. 1912.

INSTRUÇÃO militar. *O Paiz*, [Rio de Janeiro], 27 mar. 1914.

LIGA Metropolitana. *O Imparcial*, [Rio de Janeiro], 30 maio 1926.

MACIEL, Laura Antunes. Outras memórias nos subúrbios carioca: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (org.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010. p. 187-218.

MAIA, João Marcelo E. Costa Pinto em dois tempos: os efeitos periféricos na circulação de ideias. *Tempo Social*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 173-198, 2019.

MAIS um circuito da cidade será disputado. *A Batalha*, [Rio de Janeiro], 17 dez. 1938.

MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas: os clubes *athleticos* e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, 2020.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Faces da modernidade: a experiência do Ciclo Suburbano Clube (Madureira/Rio de Janeiro – décadas de



1920-1960). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0202, 2020.

MENDONÇA, Leandro Clímaco. *Jornalismo como missão: militância e imprensa nos subúrbios cariocas, 1900-1920*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MIYASAKA, Cristiane Regina. *Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920)*. 2016. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MORAES E SILVA, Marcelo; CAPRARO, André Mendes. O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 229-243, 2015.

NOS SUBÚRBIOS. *A Época*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1913.

NOS SUBÚRBIOS. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 - 27 nov. 1910.

O CIRCUITO ciclístico do Realengo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1938.

O DIA esportivo no Realengo. *A Noite*, [Rio de Janeiro], 9 dez. 1937.

O NOSSO programa. *O Piraquara*, 9 nov. 1904, p. 1.

O REALENGO e suas belezas. *O Piraquara*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 9 nov. 1904.

O. S. C. BRASILEIRO levantou o torneio de futebol feminino. *A Batalha*, [Rio de Janeiro], 3 maio 1940.

O VI CIRCUITO ciclístico da cidade. *A Noite*, [Rio de Janeiro], 13 dez. 1938.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de Oliveira; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (org.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

OS SUBÚRBIOS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 maio 1905.

PENNA-FRANCA, Luciana. *Teatro amador no Rio de Janeiro: associativismo dramático, espetáculos e periodismo (1871-1920)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade federal Fluminense, Niterói, 2016.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. *Manifestações da cultura militar no espaço educacional brasileiro na primeira república: o contexto de Pelotas-RS*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – UFPel, Pelota, 2015.



REALENGO. *A Época*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1913.

REALENGO. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 8 - 9 mar. 1909.

REALENGO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1887.

REALENGO. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 11 fev. 1904.

RIBALTAS e tela. *Gazeta Suburbana*, [Rio de Janeiro], 26 abr. 1919.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Noronha. *Meios de transporte no Rio de Janeiro: história e legislação*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1934.

SCHETINO, André Maia. *Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e Paris na transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 513-519.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da; MELO, Victor Andrade de. Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. *História, ciência, saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 337-354, jun. 2011.

SOUSA, Márcia Cristina da Silva. *Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro*. 2013. Tese (Doutorado em Memória Social) – Unirio, Rio de Janeiro, 2013.

SOUSA, Raquel Gomes de. *Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências) - UFRJ - Rio de Janeiro, 2014.

SPORT. *O Piraquara*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1904.

TIRO brasileiro do Realengo. *A Imprensa*, [Rio de Janeiro], 29 set. 1910.

TIRO brasileiro do Realengo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1914.



TIRO brasileiro do Realengo. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 3 jun. 1911.

UMA INTERESSANTE prova de ciclismo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1930.

VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *História, memória e patrimônio da Escola Militar do Realengo*. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

WEBER, Eugen. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Notas

¹Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Artigo resultado de pesquisa financiada pelo CNPq e FAPERJ.

²Doutor em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade União Araruama de Ensino (UNILAGOS).

³Sobre a ocupação dos subúrbios do Rio de Janeiro, ver Abreu (1987), Oliveira e Fernandes (2010) e Miyasaka (2016).

⁴Sobre a estigmatização do subúrbio, ver Fernandes (1995).

⁵Sobre a adesão ao ideário e imaginário da modernidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX, ver Sevcenko (1998).

⁶Para um debate sobre a relação centro-periferia, ver Maia (2019).

⁷Na verdade, em 1805, essas terras foram concedidas ao Visconde de Gericinó, dele retiradas por terem sido identificadas fraudes (VIANA, 2010).

⁸Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Notação: 42.3.35. Descrição: Diversões públicas: pedidos de licenças – inclusive touradas, etc. Datas-limites: 1900-1910. 155 páginas.

⁹O jornal assumia ser sua função principal “despertar a atenção dos poderes públicos para os benefícios de que são carecedoras as localidades servidas pelo Ramal de Santa Cruz” (O NOSSO..., 1904, p. 1).

¹⁰Ver, por exemplo: (CIDADE..., 1901).

¹¹Ver, por exemplo, Assmann (2015).

¹²Ver, por exemplo, Moraes e Silva e Capraro (2015).

¹³Sobre o Tiro de Guerra e o Tiro Nacional, ver Gonzales (2008) e Pinto (2015).

¹⁴Entre outras, podemos citar o Vasco da Gama, o Natação e Regatas, o Atlético Major Dias Jacaré, o Boqueirão do Passeio.

¹⁵Estava previsto que deveria sempre haver, como diretor de tiro, um oficial do Exército ou da Armada.

¹⁶Além do Tiro Federal, devemos citar outra importante agremiação muito ativa na



ocasião, a União dos Atiradores do Brasil. Havia ainda o Tiro Civil Clube.

¹⁷Ver, por exemplo: (FON FON, 1908, p. 27).

¹⁸Ver, por exemplo: (CLUBE..., 1908).

¹⁹A posse da diretoria foi marcada por grande festa que contou com as famílias mais notáveis de Realengo. Para uma descrição do evento, ver: (REALENGO..., 1909, p. 3).

²⁰Ver, por exemplo: (CLUBE..., 1905).

²¹Ver, por exemplo: (TIRO..., 1910).

²²Para ver essa intencionalidade explícita, vale acessar o discurso do tenente Aristides Paes de Souza Brasil quando assumiu a presidência da agremiação no ano de 1914 (INSTRUÇÃO..., 1914, p. 9).

²³Ver, por exemplo: (TIRO..., 1911, p. 5).

²⁴O conflito ocorreu na gestão de Aristides Paes de Souza Brasil. Ver: (TIRO..., 1914).

²⁵Ver, por exemplo (FUTEBOL..., 1916, p. 4).

²⁶Foi um periódico que muito se empenhou na defesa dos interesses do subúrbio, cobrindo de forma generosa os fatos da região, bem como criticando o descaso e abandono governamental.

²⁷Foi um movimento político cujo intuito era apoiar a candidatura de Nilo Peçanha à presidência do país, enfrentando Artur Bernardes, apoiado por São Paulo e Minas Gerais.

²⁸Para um debate sobre o tema, ver Forjaz (1976).

²⁹Ver, por exemplo: (A CIDADE..., 1937).

³⁰O Casino do Realengo foi também filiado à Federação Atlética Suburbana, à Associação Suburbana de Desportos e à Liga Suburbana de Esportes.

³¹Para mais informações, ver Bonfim (2019).

³²Ver, por exemplo: (DIREITOS..., 1935, p. 3).

³³Para mais informações sobre esse cinema, ver Sousa (2013). Realengo teve antes o Cine Recreio (1912-1913), o Cinema da Vila Militar (1921-1937) e o Cinema Dois de Ouro (Vila Militar, 1937-1972). Para mais informações, ver Sousa (2014).

³⁴Para mais informações, ver Weber (1988) e Schetino (2009).

³⁵Além do comércio local, apoiou esse circuito e muitos eventos ciclísticos da cidade a Casa Isnard & Cia, especializada em venda de diversos aparelhos tecnológicos, notadamente bicicletas.

³⁶Essas informações foram obtidas em diversas matérias sobre o clube. Não há uma única que contenha descrições sobre os ciclistas.

³⁷No decorrer de 1939, destacaram-se dois ciclistas de Realengo, vencedores em provas de 2ª e 3ª categorias: Pedro Abreu e Acyr Gevarzoni.

³⁸Ver, por exemplo: (CICLISMO..., 1940).